

## NARRATIVA E FOTOGRAFIA NOS RASTROS DE ANTÍGONA

Patricia FRANCA-HUCHET<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto que segue foi escrito após um longo trabalho artístico com a personagem Antígona, da peça de Sófocles do mesmo nome. *Antígona* envolveu imagens, textos, exposições e apresentações de trabalho. Revisitar *Antígona*, através de fotografias e textos, foi se interrogar sobre o trágico, seu simbolismo e simultaneamente a sua força como figura do real. Aos poucos, Antígona tornou-se um conjunto de trabalhos e, a natureza da narrativa, permitiu a relação causal entre partes, favorecendo a publicação e a instalação.

**Palavras-chave:** Antígona, fotografia, personagem, narrativa, montagem.

**Abstract:** The following text was written after a long artistic work with the character Antigone, from the play by Sophocles of the same name. This Antigone, involved images, texts, exhibitions and work presentations. Revisiting Antigone through photographs and texts was to question the tragic, its symbolism and simultaneously its strength as a figure of the real. Gradually, Antigone became a set of works, and the nature of the narrative allowed the causal relationship between the parties, favoring publication and installation.

**Key words:** Antigone, Photography, personagem, narrative, montage.

## ENCONTRANDO ANTÍGONA

Antígona<sup>2</sup> é hoje uma mulher cheia de experiências pois já conheceu mais de duas mil vidas. A do mito inicialmente — supõe-se na tradição oral — e, posteriormente, a da tragédia de Sófocles, seguida de suas inúmeras interpretações. Uma tradução reinicia a cada vez os poderes da língua e a coragem e audácia nos desafios que a rodeiam. Sabemos que há perda de língua para língua na intradutibilidade, entretanto, em todos os exemplos que citarei neste texto, mais do que a tradução

---

<sup>1</sup> Professora Patricia Franca-Huchet é professora titular da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do BE-IT: Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo.

<sup>2</sup> Antígona é a terceira parte da narrativa Édipo Rei, escrita por Sófocles, apesar da peça ter sido a primeira a ser escrita. Na peça, Antígona entra em conflito com o poder, representado por seu tio Creonte. A proibição de enterrar o irmão de Antígona, Polinice, é a grande causa do enfrentamento entre os dois. Mas Antígona desobedece e o enterra colocando-se durante toda a narrativa do lado da lei divina, à qual nenhum decreto pode se contrapor. Marcada pelo descrédito por causa dos laços incestuosos de seus pais, sentindo-se inferior por ser uma mulher, ela prefere se sacrificar a viver sob a tirania.

em si, interessou-me a transferência da história em situações artísticas e visões diferenciadas segundo os respectivos autores. Revisitar Antígona — através de fotografias e textos — foi interrogar-se sobre o trágico, seu simbolismo e, simultaneamente, a sua força como figura do real.

Uma de minhas frentes de trabalho é a pesquisa artística com extensões literárias e críticas junto à imagem da fotografia. Toda fotografia é uma crono-fotografia, logo, o tempo aparece como um parâmetro constante e específico da imagem. Desejo, também, entender o que é o tempo. Por conseguinte, busco a imagem de vestígios e da fabulação, como se a fotografia fosse a cada vez uma possibilidade para aprofundar-me no que desconheço, ao contrário da fotografia documental ou da *prise de vue*. Recolhendo impressões através de experiências, observo que, dentre muitas, ressalta uma questão: o cinema, a fotografia e a pintura guardam grandes diferenças e muitas aproximações. Algo do cinema, da fotografia e da pintura vai além de suas formas de materializar as imagens. A figura de Antígona se encontra, para mim, nesse cruzamento. Vou criando o meu filme interior sobre ela, com fotografias encenadas ou buscando lugares onde a pulsão imaginativa encontre espaços para se concretizar enquanto reflito sobre suas centenas de anos, sua força pictural, teatral, artística e política.

A fotografia, neste registro, traz a possibilidade de uma teatralidade possível, não apenas algo que posso tomar como imagem ou não somente o fato de devolver uma imagem, mas o de devolvê-la com um novo sentido; uma imagem pensada como um universo imageante e figural — como um novo céu para se olhar —, pois acredito que, nesse registro, a fotografia dá a ver coisas que estão além da percepção comum do mundo. Aqui há o enigma do personagem que retorna. No eterno retorno, nunca é o mesmo que retorna, mas o retorno que se presentifica. As imagens de Antígona, imagens que a história da arte, do teatro, da literatura e a filosofia nos legaram, de certa forma, estão fluidas. Pairam nos séculos. Imagens que intentam sublevar uma inatualidade no núcleo do tempo e na liberdade do presente. Antígona é uma mulher enraizada no tempo, eterna, e abordá-la evoca recomeços, mas nunca recomeçamos da mesma maneira. Revolvemos as raízes de Antígona, para tornar visíveis as grandes tramas que elas são.

Não existem mitos esquecidos. Creio que retornam sempre da grande noite do tempo, onde jazem. Talvez por isso o desejo de retornarmos às histórias velhas como a noite. Antígona já era um mito antes de Sófocles, já era uma referência a códigos e modelos arcaicos de parentesco de um passado ainda mais longínquo. Assim como o poeta Hölderlin,<sup>3</sup> que a traduziu, também outros artistas desejaram sondar os primeiros gestos e as primeiras imagens em formas intuitivas de fazer arte, visto que o desejo e a consciência artística podem desejar voltar a temporalidades anteriores. George Steiner, nossa referência prima neste texto, acredita que é uma “hipótese plausível dizer que grandes êxitos na arte, na literatura, na música retiraram suas forças da repetibilidade; da

---

<sup>3</sup> HÖLDERLIN, F. *Antigone de Sophocle*, Trad. Philippe Lacoue-Labarthe. Ed. Christian Bougois Editeur. Paris, 1998.

capacidade de criar um choque inteiramente novo”<sup>4</sup> (STEINER, 1984: 141). Se debruçar sobre os mitos antigos permite, portanto, constatar a recorrência de certos comportamentos humanos. O fio condutor deste texto e do ensaio visual que o sucede manifestam uma questão: o que faz com que nos interessemos por Antígona e por que ela remonta sem cessar no imaginário através dos tempos? Ela, Édipo, Prometeu, Sísifo, Narciso retornam em nossas consciências como uma arqueologia mítica. Como se não pudéssemos transcender o limite entre a consciência e o inconsciente ou nos desfazermos de histórias que penetraram como forças invisíveis na cultura humana. No teatro de Sófocles, encontramos motivos bastante ocultos, escondidos nas profundezas do tempo, da ordem do recalque, mas que sobrevivem e resistem por meio das narrativas antigas, dramáticas e dotadas de uma solenidade profunda. Antígona representou, não somente uma das maiores obras de arte, mas a iminência da tragédia e sua translação, que atravessou mais de dois milênios.

Confio na prática do passado que se refaz, aflora gestos esquecidos e dá forma ao tempo. Dessa maneira, para retrabalhar Antígona, o uso da montagem e da figura ampararam e produziram representações em imagens, textos e também possibilidades para a voz — pois importa a voz nas apresentações de trabalho — e constituíram um conjunto de ações em torno desse retorno, envolvendo comunicações, exposições (instalações), publicações e projetos. Muitos artistas se interrogaram sobre o tempo como parte central da questão da imagem em suas obras; o artista condensa naquilo que faz parte da história, do tempo e, através dos anos, permite que outras consciências percebam em seus processos o poder da imaginação histórica. Creio que abordar esse personagem fez transbordar-me no tempo, usando da liberdade de interpretação, assim como todos os artistas e autores citados que virão em seguida, também o fizeram. Me encontro, hoje, com o desejo de desmontar, montar e remontar essa história para agir na formação de uma narrativa visual e textual, pois creio que é necessário aprender a se deslocar e abandonar a posição da atualidade. O engajamento de Antígona é o caminho através do qual ela encontra a sua voz, se expressa e até mesmo canta no decorrer da sua existência e através de sua eternidade. O compositor Haendel criou um canto<sup>5</sup> para ela, e esta voz, quando ela a encontra, não é a voz que tem apenas o seu nome, mas o de quem tem a força do tempo e regressa.

Henry Bauchau, o qual abordarei adiante, escreveu um diário durante e após sua bela versão literária sobre Antígona, do mesmo nome, no qual podemos ler a pergunta: “Por que escolher um mito grego sempre tão abordado? — Acredito que não se trata de um mito; Antígona foi um dos encontros de minha vida, vivi sua história como verídica”<sup>6</sup> (BAUCHAU, 1999: 509). Faça, pois,

---

<sup>4</sup> "C'est une hypothèse plausible que de dire que les grandes réussites de l'art, de la littérature, de la musique, tirent leur force de "repetabilité", leur capacité de créer un choc entièrement nouveau (tradução da autora)".

<sup>5</sup> HÄNDEL, Georg Friedrich. Admeto. Rei da Tessália. Ópera criada em três atos em 1727.

<sup>6</sup> "Pourquoi avoir choisi un mythe grec si souvent traité? Pour moi ce n'étais pas un mythe. Antigone est une rencontre de ma vie et j'ai vécu son histoire comme une histoire présente (tradução da autora)".

das palavras de Bauchau as minhas. Brilhante livro, lido concomitantemente às sequências do trabalho.

A natureza da narrativa permitiu a relação causal entre as partes das formas de expor (aos poucos Antígona tornou-se um conjunto de trabalhos). A instalação conta, até hoje, com seis momentos: Infância (Antígona, filha mais velha, brincou à beira das águas protegida por Netuno enquanto tinha como tarefa cuidar de seus irmãos); Secreta Solidão (Antígona é artista e também arqueira); Por onde andou (caminhou como mendiga, seguindo seu pai cego, o maior poeta da cidade); Fúria (seu transe furioso e catártico decorrente da resistência e da difícil luta contra a tirania. Ela foi capaz de enfrentar a mentira e a crueldade); Meditação (o enfrentamento da angústia) e A Prisioneira (a espera da morte, o anjo de incerteza). A teatralidade da imagem é trabalhada para que não nos esqueçamos que este conjunto de imagens tem como fundamento uma personagem do teatro.

### ANTÍGONA, QUEM É VOCÊ?

Encontrei-me com Antígona, essa personagem de Sófocles<sup>7</sup> da peça do mesmo nome quando me deparei com a tradução do poeta Hölderlin<sup>8</sup> (1804) em sua livre adaptação dessa magnífica tragédia. O poeta Hölderlin atribuiu a esse personagem uma grande subjetividade em sua tradução, permitindo à Antígona um descentramento e uma liberdade que estremecia as leis e o alicerce de mais de mil anos da trágica história. Em razão disso, modernizou o texto de Sófocles, transferindo a ele uma renovada profundidade ao personagem e, com isso, presenteando o leitor com um novo adentramento na intimidade da heroína. Hölderlin foi considerado, sobretudo na França e na Alemanha, o representante "de uma modernidade que preconiza as ideias de pensadores como Walter Benjamin."<sup>9</sup> (HOLZERMAYR-ROSENFIEL, 2006, 141). O poeta era da mesma geração que os filósofos Hegel e Schelling. Os três estudaram no Seminário de Teologia de Tübingen entre 1789 e 1793.

Alongando-me mais na investigação, percebi que este conteúdo é vasto, fascinante, envolvendo análises de cunho filosófico com conteúdo diversificado e dicotômico. Lembro, portanto, do exemplo da concepção hegeliana de Antígona, na qual a relação entre a vida ética e a tragédia o interessava particularmente. Hegel escreveu páginas sobre Antígona em sua *Fenomenologia do Espírito* e nelas leremos que "dentre todos os esplendores do mundo antigo e do mundo moderno

---

<sup>7</sup> Sófocles, dramaturgo grego, 480-406 AC.

<sup>8</sup> HÖLDERLIN. *Antigone de Sophocle*. Trad. Philippe Lacoue-Labarthe. Ed. Christian Bougois Editeur. Paris, 1998.

<sup>9</sup> "[...] d'une modernité qui préconise les idées de penseurs comme Walter Benjamin [...]" (tradução da autora).

[...] Antígona é a obra de arte a mais excepcional e a mais satisfatória"<sup>10</sup> (HEGEL, 1997 t. III: p. 517-518). Segundo George Steiner "de 1790 a 1905 mais ou menos, os poetas, os filósofos e os eruditos europeus concordavam amplamente sobre o fato que Antígona de Sófocles não era somente a maior das tragédias gregas mas que, de todas as obras de arte produzidas pelo espírito humano, era também a que se aproximava mais da perfeição"<sup>11</sup> (1984: p.1). Em julho de 1787, Hegel havia começado a traduzir Sófocles, o que o deixou vivamente entusiasmado; comunicou o encantamento vital deste encontro aos seus colegas e Antígona se tornou, assim, um elo entre os três e, para cada um, à sua maneira, um modelo de consciência. Foi a partir de Hegel que a peça Antígona se tornou um dos centros da filosofia política.

Segundo Goethe, Antígona é a personagem que possui alma a mais sororal — lembrando de sua invocação em seu Hino a Eufrosine (apud STEINER, 1984: 13). Do início ao fim, ela é irmã e a imagem da sororidade. Em 1841, o músico Félix Mendelssohn marcou data com sua adaptação musical para os corais destinados à representação que Goethe dirigiu. Os corais fizeram da peça um triunfo, sendo muito aclamada. Por exemplo, Paris, que a apresentou em 1844, estava pela primeira vez mostrando uma tragédia em seus palcos usando figurino e cenário histórico. E foi esta mise en scène que suscitou grandes discussões poéticas e filosóficas sobre a peça. Repetindo George Steiner: "Forças profundas e muito decisivas estavam agindo"<sup>12</sup> (1984: p.10).

Creio que dessas forças posso trazer aqui uma delas: os Direitos Humanos proclamados em 1789 foram uma bem-vinda alteração para as mulheres, modificando os deveres e as liberdades na expressão pública que o Antigo Regime havia recusado. Seria a sororidade vista já por Goethe em Antígona, e que, em 1789, se mostrava como um estatuto necessário e vital, decorrente dos primeiros nós desatados? As mulheres subiram nas tribunas políticas, pediam a palavra, reivindicaram trabalho e ousaram o não. Na tragédia de Sófocles encontramos a fatalidade e a necessidade; a fatalidade dos indivíduos compreendida como algo inexplicável e a necessidade como justiça. Antígona dava a ver, em seu destino trágico, a evidência e a dinâmica do conflito em sua coragem e determinação por seguir a sua consciência, demandando justiça. "Em Antígona, a dialética da intimidade e do engajamento, do "doméstico" e do público, é explicitada. A peça roda em torno da violência necessária que a mudança sócio-política impõe à interioridade silenciosa do ser"<sup>13</sup> (STEINER, 1984: p.12). Clivada entre a filia, o amor pela família e pelo irmão,

<sup>10</sup> "Parmi tous les splendeurs du monde ancien et du monde moderne [...] Antigone est l'oeuvre d'art la plus exceptionnel e la plus satisfaisante (tradução da autora)".

<sup>11</sup> "de 1790 à 1905 environ, les poètes, les philosophes et les érudits européens s'accordaient largement à penser que l'Antigone de Sophocle n'était pas seulement la plus grande des tragédies grecques mais que, de toutes les oeuvres d'art produites par l'esprit human, c'était aussi celle qui s'approchait le plus de la perfection (tradução da autora)".

<sup>12</sup> "Des forces plus profondes et plus décisives étaient à l'oeuvre (tradução da autora)".

<sup>13</sup> "Dans l'Antigone, la dialectique de l'intimité et de l'engagement, du "domestique" et du publique, est explicitée. La pièce tourne autour de la violence nécessaire que le changement socio-politique impose à l'intériorité silencieuse de l'être (tradução da autora)".

o mundo privado da casa (a constelação familiar que está imbricada no laço social) e o choque entre a justiça e o poder, ela se ergue contra a lei masculina e sua ação na vida pública dizendo não à guerra e se orientando para expressar os seus desejos e crenças. Antígona venerava os deuses de baixo, os protetores femininos, os deuses elementais da terra, enquanto Creonte venerava os grandes deuses do Olimpo. Em *Considerações sobre Antígona*, Hölderlin cita o diálogo entre o tio e a sobrinha: “Por qual audácia vos infringistes a lei?” indaga Creonte; “Por causa disso: que sobre elas, o ‘meu Deus’ não me instruiu”, responde Antígona (verso 449-452, HÖLDERLIN, 2006: 423).

O filósofo Kierkegaard manifestou seu entusiasmo por Antígona em sua interpretação, matizada por uma percepção autobiográfica com muita proximidade e influências dos idealistas alemães, sobretudo dos escritos de Hegel, revelando inflexões interpretativas em um sentido radicalmente pessoal. A questão da culpabilidade trágica é um ponto observado em sua interpretação. O tom de sua tradução é dialético, irônico e reflexivo, considerando que a noção de tragédia ou trágico sofreu grandes mudanças entre a Antiguidade e os tempos vividos por Kierkegaard: “mas a análise diferencial é apenas uma técnica que Kierkegaard coloca à disposição de sua ambição pessoal; que é a de “mostrar como o caráter próprio da tragédia antiga é retomado pela tragédia moderna e aí se encarna”. Kierkegaard considera que “Antígona está morrendo de paixão” visto a profundidade de sua alma.”<sup>14</sup> (STEINER, 1984: 61, 67).

Essas traduções modernas trouxeram a percepção de uma subjetividade reflexiva se afastando do caráter épico, muito centralizado na ação e pouco introspectivo, sempre inserido nas categorias de destino, poder e família. A tradução de Kierkegaard traduz Sófocles de forma que as relações fundamentais são as mesmas, entretanto diferentes; é um imaginário cuja textura formal acrescentou à dramaturgia moderna uma nova forma de visão da personagem e do ato teatral. George Steiner acrescenta que “as características autobiográficas desse jogo, desse *conchetto* psicológico-filosófico, são com toda evidência consideráveis. Em um certo nível, todas as nuances e todas as inflexões que Kierkegaard dá à sua versão de Antígona são a evidência daquilo que ele considera como a sua experiência a mais íntima.”<sup>15</sup> (1984: p.69). Essa “intimidade” da tradução de Kierkegaard se espelha na abordagem do trabalho artístico mostrado e discutido nestas páginas, pois estive a revolver, como já dito, as raízes do personagem, de forma solta e ao mesmo tempo atada por fios condutores de diversas ordens, incluindo a autobiográfica.

---

<sup>14</sup> Mais l'analyse différentielle n'est qu'une technique que Kierkegaard met au service de son ambition personnelle qui est de "montrer comment le caractère propre de la tragédie antique est repris dans la tragédie moderne et s'y incarne" [...] "Antigone est amoureuse à en mourir" vu la profondeur de son âme (tradução da autora)".

<sup>15</sup> Les caractéristiques autobiographiques de ce jeu, de ce *conchetto* psychologico-philosophique, sont bien entendu prégnantes. À un certain niveau, toutes les nuances et toutes les inflexions que Kierkegaard donne à sa version d'Antigone sont le chiffre de ce qu'il considérait comme son expérience la plus intime (tradução da autora).

Volto à tradução de Hölderlin, ponto de partida desta reflexão. Muitos julgamentos feitos a ela se sucederam de forma crítica e negativa, reprechendo sua forma livre demais na abordagem da peça. Me ateno aqui apenas àqueles que a acolheram com entusiasmo, como foi o caso do eminente sofocleano Karl Reinhardt. Reinhardt declarou em 1951 que Antígona de Hölderlin foi “a poesia a mais elevada, feliz em seus mínimos detalhes”<sup>16</sup> (apud STEINER, 1984: 74). Wolfgang Schadewaldt viu, na tradução do poeta, uma força de penetração no original antigo, uma autoridade na inteligência em profundidade com as quais nenhuma tradução, nenhuma crítica e em nenhuma outra língua pode se rivalizar. (STEINER 1984: 74).<sup>17</sup> Hölderlin aborda com grande emoção e veemência a questão da tradução entre fontes antigas e os meios modernos que a transformaram, mesmo sabendo que enquanto traduz reescreve. Sófocles, e ele mesmo, foram poetas em tempos de crise, de mudanças, de movimentação temporal e de revolução. Sófocles era um homem político, que conheceu a administração e Hölderlin, poeta brilhante que percebia a poesia como atividade criadora compreendida em todas as formas artísticas.

Outra interpretação da qual devemos nos lembrar é a da célebre *Antígona* de Bertold Brecht. Mesmo tendo como ponto de partida a tradução de Hölderlin, Brecht a modificou, introduzindo um prólogo que colocou em perspectiva a peça sob a visão da Alemanha nazista. Nele, Brecht requisita ao público no prólogo que escreveu para a peça: “Nós vos pedimos para lembrar de atos semelhantes, realizados em um passado próximo, ou da ausência desses mesmos atos semelhantes”<sup>18</sup> (BRECHT, 2014:71). Em 1948, Brecht montou a peça em Coire, na Suíça, com grande repercussão. Ele introduziu em sua tradução fragmentos de Píndaro — estes traduzidos também por Hölderlin — bem como alguns versos de Goethe. A cena, moderna, se passava em Berlim, em abril do ano de 1945, nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial. A peça foi apresentada como *Die Antigone des Sophokles*. Brecht fez de Antígona uma lutadora que não desiste; aquela que busca a justiça e que recusa o inumano e faz de seu texto, por isso, uma requisição contra o imperialismo e a guerra. Em sua tradução — artística — usou a liberdade do poeta e dramaturgo para adaptar os cantos após estudados na tradução de Hölderlin. Sabemos que os coros e os stasimon<sup>19</sup> tinham na tragédia grega um papel destacado e o dramaturgo usou-os, adaptando-os à sua guisa, com o intuito de aproximar o público moderno dos mitos antigos em uma atmosfera de resistência ao fascismo. O agôn — diálogo dos inimigos — permanece como

<sup>16</sup> "La poesie la plus haute, heureuse dans ses moindres détails" (tradução da autora).

<sup>17</sup> Steiner disse

<sup>18</sup> "Nous vous prions

De vous souvenir d'actes semblables,

Accomplis dans un passé plus proche, ou de l'absence

D'actes semblables" (tradução da autora).

<sup>19</sup> Na tragédia, o espetáculo contava com a presença de um Coro composto de quatorze participantes, todos homens, que cantavam e dançavam durante a representação. Somente um dos membros do coro, o corifeu, podia tomar a palavra individualmente e assegurar o diálogo dos protagonistas. Entre as cenas, o coro intervém, composto de personagens fictícios (os velhos de Tebas), que observam a ação e a comenta, apliando assim a ação para o público. O stasimon era parte do coral cantado.

em todas as traduções. Cada palavra é dita e replicada; o adversário não cessa de criar conflitos a partir do que escutou, exaltando-se em um desfecho sem paz e sem justiça, pois a justiça que Antígona invoca é como uma deusa; deusa que não mora no Olimpo, mas na casa dos mortos. De certa forma, Brecht se deu a liberdade de reinventar Antígona, que se torna em sua peça uma mulher comum, bem mais próxima da mulher do pós-guerra, marcada pela grande tragédia.

## ESCUTAR ANTÍGONA

Antígona e sua família, a simetria fratricida, o combate dos irmãos, a proibição do enterro de um deles, a ambiguidade sobre o amor fraterno, filial, foram questões que alimentaram interpretações psicanalíticas. Ela foi tomada por um intenso choque diante da horrível verdade sobre sua família. Assim, a musa de Jacques Lacan, tema de seu seminário a *Ética na Psicanálise*, adquiriu um estatuto de magnitude e exemplaridade do trágico, assim como de sua dualidade como figura simbólica e do real. Lacan diz que realizar seu desejo é colocar-se sempre numa perspectiva de condição absoluta. Creio que é essa condição absoluta que Lacan leu em Antígona; tragédia familiar aos psicanalistas, na qual a escuta das histórias dos tormentos, das rupturas difíceis, dos desejos incompreendidos e da angústia no seio da família são a pátria das análises. Escolheu-a como matriz do que é exigido do psicanalista na condução de um tratamento, situando assim a dimensão trágica da experiência psicanalítica em si. Para o psicanalista, "Antígona é uma tragédia, e a tragédia está presente no primeiro plano da nossa experiência, a dos analistas" (LACAN, 1986: 290), busca a solução para a cura da angústia, da pulsão de morte e da ruptura dos laços filiais – questões tão presentes no universo gerado pela personagem: pois é em Antígona que o trágico se cristaliza, como uma pátria.

A psicanalista Julia Kristeva, em seu intrincado texto "Antigone, la limite et l'horizon" (Antígona, o limite e o horizonte) pergunta: "Quem é você Antígona? Uma criança (pais, néais), uma menina (korê), um rebento de Édipo (gennêmo), uma noiva (nymphé) uma virgem (parthenos)?" (2017: 77). Assim inicia o texto de Kristeva, do qual fazemos aqui um resumo de sua versão psicoanalítica ou literária. Durante a narrativa, a autora se dirige a Antígona na primeira pessoa. Kristeva diz à Antígona que ela não é uma guerreira, mas uma mulher brava, resistente à tirania. Tirania e política que não se sustentam quando ignoram a individualidade absoluta. A presença absoluta de Antígona leva a autora a pressentir o seu caráter de sacralidade, chamando-a de Ofélia, Ophélein, aquela que socorre, assiste, ajuda. Muitas questões são dirigidas à Antígona no texto e algumas respostas, ou hipóteses, nele são colocadas de forma dialética. Kristeva disserta na linha do isso ou aquilo, deixando ao leitor algumas pistas sobre o personagem mítico. Ela pergunta ao leitor:

"Antígona é como é por ser fruto do incesto? Por sofrer as suas consequências? Por tê-las levado ao seu clímax e ao seu trágico fim [...] Ou será que Antígona é Antígona por ser mulher? Sua solidão mineral, seu desejo cadavérico, sua tenacidade com o 'não' propélico

por ela ao bom senso revelam traços especificamente femininos, que atuariam como uma corrosão permanente do laço social?" (KRISTEVA, 2017: 78).

O desejo de Antígona a condena a provar a existência da difícil pulsão de morte que Freud anunciou. Como filha do incesto, ela tem em seu nome o Anti e o Gonê (anti engendramento). Antígona deve, então, pelo seu nome e desejo, não gerar, pois vai cortar o laço filial do sangue incestuoso; vai cortar o fio da inextricável descendência opondo-se assim à Goné. Repudiando a descendência, ela encontra um motivo para domesticar a morte; a pulsão de morte, que não é somente trágica, pois tem como outra face o amor. Uma hipótese que vemos no texto de Kristeva é a universalidade que Antígona é capaz de ressoar, principalmente na alma das mulheres hoje: "longe de ser uma relíquia do passado, a universalidade de Antígona ressoa hoje na vida psíquica das mulheres [...] essa dimensão antropológicamente universal da solidão feminina [...] é necessária tanto para a observação clínica quanto para os comportamentos sociais" (2017:90).

A psicanalista termina o seu texto dirigindo-se à Antígona:

"Você praticou, Antígona, as condições de seu advir arriscando-se. [...] Sua experiência é inatingível e, porém, concisa, desafiando o bom senso, mas com um rigor absoluto e uma evidência misteriosa. Necessidade dos silêncios e da precisão da voz, ela entoava a morte de si, pontua a eclosão do outro na criança, deixa em suspenso e libera as interpretações: abertas, pessoais, traçadas porque pressentidas, mas imprescritíveis. Como essas não leis não escritas dos deuses. Uma pauta musical. Sublime." (KRISTEVA, 2017:92).

Judith Butler<sup>20</sup> em seu livro *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte* defronta Hegel e Lacan opondo-se às suas visões. Ela demonstra que a reivindicação de Antígona a coloca diante do poder, recusando-o e tomando para si a força discursiva da linguagem que desafia a estrutura deste mesmo poder. Aborda as leis não escritas como a manifestação de um inconsciente da lei, perdido e sem origem. Leis das quais não podemos encontrar vestígios. Assim, Antígona incarna a lei sem lei, sem escrita, como se fizessem parte das fibras de seu ser. Outro argumento é a parentalidade de Antígona: por ser a filha e irmã de seu pai, Édipo, Butler a percebe em uma situação de precariedade e solidão, diante da família e na manifestação pública do luto. Opondo-se à ordem vigente, Antígona se torna para Butler uma figura política em sua completude e desobediência.

Poder-se-á olhar para Antígona como uma mulher dos tempos modernos. Cito apenas alguns exemplos. Em 1922, Jean Cocteau propõe uma tradução de Antígona sob a força da desobediência; uma adaptação com diálogos intensos e provocantes, centrada, sobretudo, no drama-conflito entre Antígona e Creonte. Nessa representação, Antígona é valorizada através de sua independência

---

<sup>20</sup> BUTLER, J. *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

espiritual. Cocteau dizia que Antígona era a sua santa. No romance *Os Anos*,<sup>21</sup> de Virgínia Woolf, a jovem Sally recebe Antígona de Sófocles em uma versão traduzida pelo seu primo, do qual ela está secretamente apaixonada. Sally decide ler o livro para compreender o que interessa tanto ao seu primo nessa tragédia de um tempo remoto. É notável que Woolf tenha citado Antígona em seu livro, fazendo dela uma citação-incitação à curiosidade do leitor pela personagem, o que desvenda que a autora entretinha laços especiais com Antígona. Henry Bauchau, retraça a vida da personagem em uma comovente narrativa literária. Ele aprimora, com desenvoltura e liberdade, poesia e densidade, uma das mais belas interpretações de Antígona, que foi decisiva para esta investigação aqui externada, sobretudo a artística. Sua Antígona, dentre todas que explorei, é a mais bela; não obstante sua feminilidade e fragilidade, demonstra grande força espiritual e amorosa. Ama, cuida, protege, enfrenta, luta, cura e prefere a morte à covardia; desobedecendo. No seu texto, Creonte, o tio que se opõe ao seu desejo, a acusa: “Todos em Tebas me obedecem, salvo tu, uma mulher.”<sup>22</sup> (BAUCHAU, 1997: p. 279). Para Bauchau, Antígona é uma artista: modelou a imagem de Jocasta para que Ismênia, a sua irmã — que não suportava a falta da mãe —, pudesse vê-la em uma dimensão post mortem. Bauchau ficciona sobre o que Antígona viveria entre as cenas criadas por Sófocles, imaginando o que seria dito ou vivido por ela. Em sua interpretação, ela é muito amada por Hémon — seu primo — e esse amor é correspondido: um amor sublimado e intenso.

Em 1769, na Praça do Convento de Oletta, na Córsega, cinco jovens foram executados pelo crime de lesa majestade: foram denunciados por um complô que na verdade não existiu. Aos condenados a proibição de serem enterrados. Entre eles estava o namorado de Marie Gentile, que desafiando todas as ordens e correndo risco de vida, enterra o seu amado Bernardu. Marie Gentile é a encarnação de Antígona pois simboliza os valores de um mito universal. Sepultar o seu noivo devolveu, a ambos, humanidade. A escritora Marie Ferranti escreveu uma peça de teatro sobre Marie Gentile,<sup>23</sup> que enfrentou a crueldade como enfrentam atualmente tantas mulheres em torno do Mediterrâneo, aflitas pelo horror e pelas guerras. Charlotte Delbo escreveu *Kalavrita das mil Antígonas* (2013), no qual conta o massacre perpetrado pelos nazistas em 1943 em Kalavrita, um pequeno vilarejo do Peloponeso, na Grécia. Enquanto as mulheres, as crianças e os idosos estavam presos em uma igreja, os nazistas executavam mil e trezentos homens do vilarejo com idades entre dezesseis e setenta anos. Mesmo correndo risco de vida, as mulheres enterraram os mil e trezentos homens. Como enterrar mil e trezentos homens em um cemitério pequeno e sem espaço? Uma das mulheres propôs enterrá-los juntos, tão juntos quanto possível, no quadrado que estava vazio no meio do cemitério e construir um muro em torno deles, para criar uma espécie de mausoléu entre os ciprestes. Foi o que elas fizeram. Essa história nos lembra as Antígonas, que são também as

<sup>21</sup> WOLF, V. *Os anos*. (1937). Rio de Janeiro: Ed: Nova Fronteira, 1982.

<sup>22</sup> "Tout le monde à Thèbes m'obéit, sauf toi, une femme!" (tradução da autora).

<sup>23</sup> FERRANTI, M. *La Passion de Marie Gentile. Pièce en cinq tableaux*. Paris: Ed. NRF Gallimard, 2017.

tantas mães da Praça de Maio, em Buenos Aires, quando vão exigir o corpo de seus filhos desaparecidos durante a violenta ditadura na Argentina e, mais perto de nós, a inesquecível Zuzu Angel, a estilista mineira que perdeu o seu filho Stuart Edgard Angel Jones, assassinado em maio de 1971, pelos órgãos de repressão durante a ditadura militar no Brasil.

Foram muitas perguntas e respostas jungianas, freudianas, políticas e artísticas. Antígona fascina, pois representa, a ela somente, cinco eixos do eterno conflito: o combate dos jovens contra os velhos, dos homens contra as mulheres, do estado contra o indivíduo, da vida contra a morte e dos mortais contra os deuses. Antígona transparece todos eles em sua tragédia. Trouxe por meio desses arquétipos a potência e a beleza contida no ressonante trágico. Continuamos de certa forma a sermos todos enterrados vivos; pelos métodos usados pela imprensa, pelos métodos que criam opiniões, pela hipocrisia, pela mentira, pois são métodos usados pelos fiéis de Creonte! Antígona nos diz: vocês mentem!

Termino este texto com um trecho de Marguerite Yourcenar que também 'escutou' e escreveu sobre Antígona. Escritora memorável, sabia que o espírito conhece sua identidade quando se torna poético e que a realização do homem em sua poética não é um fim, mas um eterno retorno, um recomeço, o da vida propriamente humana: “Ela avança nesta noite fuzilada pelos faróis [...] em pleno sol, ela era a água pura sob as mãos maculadas, a sombra no vazio do capacete, o lenço sobre a boca dos trespassados. Em plena noite, ela se torna uma lâmpada. [...] não podemos matar a luz; não podemos sufocá-la. Oculta-se a agonia de Antígona”<sup>24</sup> (YOURCENAR, 1974: 59).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUCHAU, H. *Antigone*. Arles: Actes Sud, 1997.
- BAUCHAU, H. *La Lumière d'Antigone*. In: *Antigone* [org. Alette Amel]. Paris: Autrement, 1999.
- BRECHT, B. *Antigone*. Prólogo. Paris: L'Arche Éditeurs, p.71
- BUTLER, J. *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte*. Florianópolis: Editora da UFSC. 2014.
- DELBO, C. *Kalavrita des mille Antigones*. In: *La Mémoire et les jours*. Paris: Berg internacional, 2013.
- HEGEL, G.W.F. *Cours d'Esthétique*. Paris: Aubier, 1997 t. III.
- HÖLDERLIN, F. *Fragments de poésie*. Paris: Imprimerie Nationale Editions, 2006.
- HÖLDERLIN, F. *Œuvres*. Paris: Gallimard, La Pléiade, 1967.

---

<sup>24</sup> "Elle avance dans cette nuit fusillée par les phares (...) En plein soleil, elle était l'eau pure sur les mains souillées, l'ombre au creux du casque, le mouchoir sur la bouche des trespassés. En pleine nuit, elle devient une lampe" (tradução nossa).

HOLZERMAYR-ROSENFELD, K. *Le conflit tragique chez Sophocle et son interprétation chez Hölderlin et Hegel*. In: *Études Philosophiques*. Paris: 2006/2, n°77.

KRISTEVA, J. "Antígona, quem é você?" In: *Meu Alfabeto. Ensaios de literatura, cultura e psicanálise*. São Paulo: Edições SESC. 2017.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética na psicanálise 2*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

STEINER, G. *Les Antigones*. Paris: Gallimard, 1984.

YOURCENAR, M. *Feux*. Paris: Gallimard, 1974.



Antígona: Patricia Franca-Huchet Meditação [fotografia 2107]



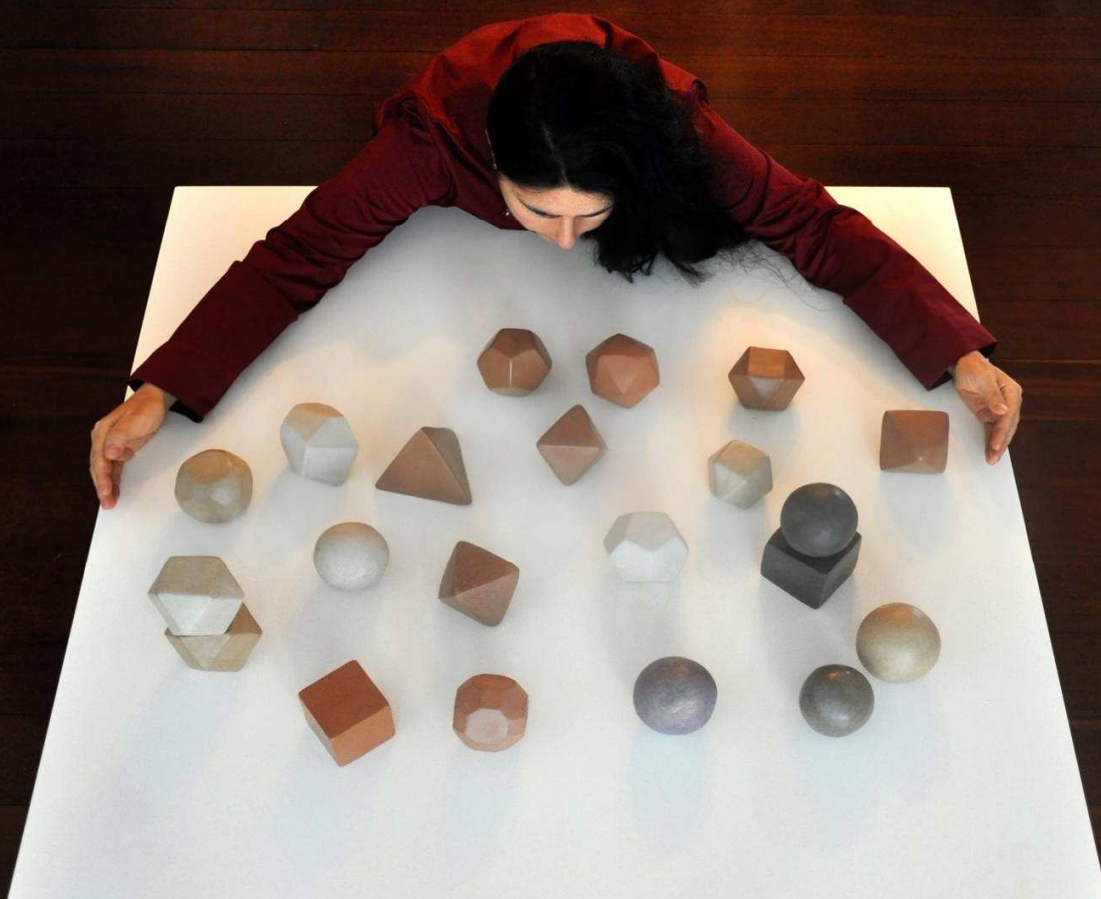
Antígona: Meditação [fotografia 2017]



Antígona: Secreta solidão [fotografia 2017]



Antígona: Secreta solidão [fotografia 2017]



Antígona: Secreta solidão [fotografia 2017]



Antígona: Secreta solidão [fotografia 2017]



Antígona: Por onde andou [fotografia 2017]



Antígona: A prisioneira [fotografia 2017]